

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Comunicação Social
Curso de Especialização em Imagens e Culturas Midiáticas
Mídia, cotidiano e identidade

**HUMANAMENTE LADY:
O funeral da Princesa Diana**

Camila Gonzaga
Cintia Neves
Denise Lucas
Laura Baptista
Rayssa Fonseca
Rogério Fideles
Tiago Barcelos

Belo Horizonte
2009

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	03
1. PERFORMANCE	05
2. ACONTECIMENTO	11
3. MEMÓRIA	14
4. CONCLUSÃO	16
REFERÊNCIAS	18

INTRODUÇÃO

Em seu livro *Por que estudar a mídia?* Roger Silverstone (2002) trabalha o conceito de performance a partir de uma discussão da apropriação do espaço da mídia pela sociedade. O autor parte da ideia de que a vida social e experiência estão intimamente ligadas ao papel da mídia na sociedade, e que ela exige nossa ativa participação. A abordagem “foca, entretanto a dinâmica da vida social de tal maneira que possibilita uma atenção ao performativo, às maneiras pelas quais a sociedade se torna arte e o artifício se torna social” (SILVERSTONE, 2002, p.131). Silverstone (2002) considera que a performance é algo instintivo, que fazemos o tempo todo, sem perceber.

De modo a exemplificar sua idéia de passagem da reflexão e representação mediadas para a experiência performada o autor utiliza-se do funeral da Princesa Diana. Outra autora comenta a respeito do ocorrido:

De onde veio todo o enorme alcance dessa dor? Por alguma misteriosa transfusão de glamour, sofrimento e exposição pública, Diana havia trocado de identidade: a filha do privilégio havia se transformado em um ídolo das massas. Durante 16 anos, milhões de britânicos haviam sentido que eram participantes, e não meros espectadores, da sua evolução e das suas lutas; a tímida adolescente que se tornou princesa de conto-de-fadas e mãe; a esposa enganada que buscou o amor e foi sempre traída; a missionária compassiva que, quanto mais compartilhava as misérias alheias, mais bela ficava. (BROWN, 2007, p.391).

Esse parágrafo de Tina Brown (2007) representa um aspecto, uma razão de como e porque o funeral de Diana afetou a sociedade britânica. Nesse sentido, Silverstone (2002) apresenta a seguinte questão:

[...] como e por que, enquanto a mídia mundial entrava em espasmo com a morte de Diana, Princesa de Gales, milhões e milhões de pessoas comuns (e, claro, eu estava entre elas) decidiram se levantar de suas poltronas, sair de casa, pegar o trem e ocupar o espaço público, e o tempo público, já que o feriado público que foi o funeral não foi declarado, e o próprio funeral, segundo dizem todos, criado para satisfazer os planos dos que queriam estar, precisavam estar, nas ruas ao lado dela. (SILVERSTONE, 2002, p.137).

A morte da princesa foi o acontecimento midiático do ano de 1997 (RAMONET *apud* FRANÇA, 2007), foi um fenômeno nunca antes visto na história da mídia, em que toda imprensa

abordou a notícia de forma mais eloquente que qualquer outra, afetando desde as editorias sobre celebridade até as de economia.

Em seu livro, *Diana: Crônicas Íntimas*, Tina Brown (2007) conta que Diana nasceu no privilégio, de família com linhagem nobre (maior que a da própria Rainha), porém até o começo de seu namoro com o Príncipe Charles seu aparecimento na mídia se restringia a menções em colunas sociais. Assim que começou a se envolver com o príncipe, Diana (com apenas 18 anos na época) passou a ser perseguida pelos *paparazzi* ingleses, todos ávidos por conhecer melhor a mulher que poderia se tornar a rainha da Inglaterra. Assim começou a relação de Diana com a mídia, que veio a se potencializar com o casamento totalmente mediatizado que se seguiu.

Diana havia se tornado uma princesa, e milhões de pessoas ao redor do mundo assistiram a esse acontecimento. A partir daí começa a Dinastia Di, em que a família real se resume as ações da Princesa de Gales e a mídia não toma conhecimento de outra coisa. Fala-se de seu talento natural em lidar com as crianças e os mais velhos, sua aura de estrela de Hollywood e seu carisma, ligando a uma revitalização da imagem real. Porém, existia uma diferença na reação de Diana com a mídia, em comparação com a família real,

A construção da família real como figuras da mídia para se tornarem os centros simbólicos da desesperada tentativa britânica de formação da nação durante o século XX implicou uma delicada manobra para preservar o status deles e ao mesmo tempo torná-los acessíveis e humanos. (SILVERSTONE, 2002, p.139).

Essa diferença é evidenciada por uma entrevista para o programa *Panorama* da rede BBC, em 1995, 14 anos após o casamento e quando Diana e Charles já estavam separados, mas não divorciados. Durante a entrevista, a Princesa apareceu como uma mulher comum, que havia sido traída por seu marido e sofreu com isso (Diana chegou a afirmar que havia sofrido de bulimia). Silverstone (2002) ao comentar a entrevista aponta que “Diana rompeu os limites e, como aqueles que depois ocuparam o espaço público em seu nome, perfurou as convenções da representação da realeza pela mídia” (SILVERSTONE, 2002, p.138), mostrou mais humanidade que qualquer outro membro da família real, criando assim um novo espaço fora da mídia, mas ainda baseado nela.

Tina Brown (2007) considera que Diana foi o primeiro ícone/celebridade a viver e morrer em uma sociedade globalizada e mediatizada, e não tinha como seu próprio funeral não ser transmitido para milhões de pessoas ao redor do globo. Ele oferece, segundo Silverstone (2002),

um exemplo da relação entre audiência e performer em um espaço público e na mídia. Tina Brown (2007), exemplifica a participação pública nesse funeral.

Agora ela se fora, e eles – seis mil pessoas por hora – afluíram a Londres para prateá-la. Os portões do palácio de Kensington se transformaram num gigantesco arranjo floral repleto de fotografias de Diana. [...] os sons em meio a multidão, e não apenas de choro, mas de soluços profundos e ofegantes; as filas para assinar os livros de condolência do palácio St. James estendiam-se até o infinito – tudo aquilo era surpreendente e era assustador (BROWN, 2007, p.391).

A seguir discutiremos a abordagem de Silverstone (2002) a cerca da performance e sua relação com o funeral da Princesa Diana, além de destacar outros conceitos, como acontecimento, a relação entre público x privado e memória, objetivando debater o evento.

1. PERFORMANCE

Com o intuito de compreender a maneira como a princesa Diana teve o momento de seu funeral abordado pelas diversas mídias – mais especificamente neste trabalho, como sua morte foi evidenciada pela televisão –, adota-se o conceito de *performance* para se contextualizar o corpo em comunicação. O termo será utilizado, também, para evidenciar a relação que se estabelece entre identidade e identificação e a criação do coletivo.

Primeiramente, é válido ressaltar que a *performance* tem sua origem vinculada a questões artísticas. Ela é uma forma de arte típica dos anos 1970, em que o corpo tem papel fundamental em resignificar objetos, mídias e lugares, segundo aponta Gonçalves (2005), ao assumir uma posição de instrumento de comunicação. O autor expõe, ainda, que essa expressão artística situa-se entre as artes plásticas e as artes cênicas, tendo como base o teatro, a música e a dança, no entanto não se limita a essas expressões, mas desarticula seus elementos e se configura como algo distinto delas. Nos anos 1980, observa-se a incorporação de algumas tecnologias como o vídeo e a televisão para as apresentações performáticas, evidenciando-se a midiaticização da vida cotidiana (GONÇALVES, 2005). A ação performática pode ser pensada, desse modo, como comunicação, o corpo em comunicação.

Enquanto matéria de contínua realização, segundo Silverstone (2002), a vida social é compreendida, em uma perspectiva da necessidade em se estudar a mídia, como uma questão de realização. Ela pressupõe uma ativa participação dos atores sociais, de modo que não dependa “apenas do jogo das circunstâncias objetivas, das condições e do condicionamento da estrutura e da história [...]” (SILVERSTONE, 2002, p.131). Em outros termos, o autor expõe que a sociedade só pode ser feita mediante a ação de pessoas e suas interações que se dão de minuto em minuto, que permitem o reconhecimento de certas diretrizes para a conduta social diária, tais como: normalidade, ordinariedade, segurança e identidade. A *performance*, ainda, segundo Joseph citado por Meniconi (2005), varia de acordo com o lugar e o contexto em que se está presente.

Ao se voltar para uma linha de pesquisa que privilegia o raciocínio sociológico e antropológico, criticada por não atentar para questões de ordem histórica e contextual, cujo foco encontra-se na dinâmica da vida social, o autor atenta para ela como uma possibilidade de se dar atenção ao performativo e “às maneiras pelas quais a sociedade se torna arte e o artifício se torna o social.” (SILVERSTONE, 2002, p.131). Para isso, recorre aos estudos de Erving Goffman, que compreende a vida social como administração da impressão. Para esse estudioso, a aparência é a realidade, no sentido de que a vida seria estruturada em torno da noção de espetáculo, de modo que a *performance* seria uma grande encenação em que o sujeito se pretende mostrar para um público a fim de impressioná-lo e manter um senso de identidade de si mesmo. O ato performático é moldado pela presença do outro, no entanto sua representação é controlada pelo ator (MENICONI, 2005).

Longe do olhar dos outros, como argumenta Goffman citado por Silverstone (2002), o *performer*, aquele que realiza o ato performático, pode se maquiagem e se transformar, preparando-se para o palco, como nos bastidores de uma peça teatral. Seria a encenação de si mesmo, a auto-encenação, sem que aquele que a realiza saiba como ela está sendo apreendida (MENICONI, 2005). Ao representar um papel para o outro, como complementa Meniconi (2005), o indivíduo incorpora valores que são reconhecidos socialmente com a finalidade de que sua atuação seja reconhecida. Para a autora, a *performance* é uma construção coletiva.

A partir dessa exposição, apreende-se que a *performance* implica idealização e que sua legitimação é determinada pelos julgamentos e aceitações ou recusas de diferentes públicos a quem se destina em cenários distintos. Silverstone (2002) explicita ainda que, ao se apresentar

para o outro, o *performer* não somente se apresenta como se revela a si mesmo, um “ato socialmente reflexivo”, que cria tanto o individual como o coletivo. Para o autor, a vida e a identidade dependem das realizações performáticas, uma vez que elas se tornam reais. O social é entendido como uma “rede de significados, sustentável contanto que sejam mantidos em comum, repetidos, partilhados, comunicados e, claro, impostos.” (SILVERSTONE, 2002, p.134).

Refletindo-se sobre os aspectos apontados anteriormente, durante a exibição televisiva do funeral da princesa Diana é possível se deparar com a imposição de uma cena que rompe com o cotidiano e se apresenta enquanto acontecimento¹. Ao ligar a televisão, o público se vê diante de uma situação inesperada, em que milhares de pessoas se encontram para terem a experiência da perda e do luto de uma personalidade que se tornou pública. Performar Diana, como coloca Silverstone (2002). Trata-se, assim, de um compartilhamento de um mesmo sentimento, que se apresenta ao mesmo tempo individual e coletivo, que se volta para o que a ‘personagem’ representou e ainda representa para o público, enquanto mulher que podia, ao mesmo tempo, representar a monarquia inglesa e uma pessoa ‘normal’, que acolhe o próximo.

O sentido de um evento, então, como ressalta o autor, só pode ser dado pelo público. Ele se torna o grande responsável por convocar o acontecimento, de maneira que a presença dele passa a ser mediada pelos meios técnicos, como a televisão nesse caso. O corpo deixa de ser apenas representado e se apresenta como um corpo em *performance* ao ser televisionado. O que vale é a enunciação, os gestos que são colocados em ação, em comunicação, a interação de pessoas comuns que se deparam com um acontecimento, que se apresenta midiático.

A *performance* evidenciada durante o funeral de Diana se configura, de acordo com Silverstone (2002), enquanto uma realização do *performer* para si mesmo e para os outros, de maneira que aqueles que participam do evento o reivindicam enquanto tal e, por isso, deixam suas marcas, mesmo que fora do alcance das câmeras.

A ocupação de um espaço público, como o local em que ocorreu a cerimônia do funeral da princesa, por muitas pessoas comuns, que representavam “famílias, gerações, ingleses etnicamente diversos, da classe média, na maioria subordinados” (SILVERSTONE, 2002, p.140) integra a experiência individual à experiência coletiva, pautadas pela imagem de uma vida performada. Ao participar do coletivo, como aponta o autor, cria-se esse coletivo ao partilhar-se situações dramáticas mediados da vida cotidiana.

¹ A noção de acontecimento e sua relação com o fluxo do cotidiano será exposta mais adiante.

Cada momento que era mostrado pela televisão constitui-se um fragmento de um evento que adquiriu, de acordo com Silverstone (2002), uma dimensão nacional ou global, de modo que o que era da ordem de uma esfera pessoal passou a ser coletivo. Esse coletivo se formou por pessoas anônimas, como argumenta o autor, o que influenciou na perda de sua significância, uma vez que o público do funeral não era conhecido pelos telespectadores. A cena adquiriu dimensão social ao ser criada em um “palco público”, deixada para a “imaginação e para a lembrança de um evento que participamos e não participamos.” (SILVERSTONE, 2002, p.144). Assim, entende-se que, ao mesmo tempo em que houve uma identificação com um sentimento coletivo que se formou pelo ajuntamento, houve um distanciamento da cena no aspecto de não se conhecer aqueles que eram estranhos na tela.

Não há como não confrontar que as ações da funeral da Princesa Diana, são uma satisfatória, ou não, conjunção de ações comunicacionais em um mundo altamente complexo e permeado pelos novos processos tecnológicos e de midiaticização². Para Roger Silversonte, (2002) o funeral é o acontecimento midiático, proporcionado pela teledifusão que rompeu barreiras no âmbito social. Um emaranhado de preposições resgatadas pela concepção da personalidade que se tornou Diana, reforçada pelo seu título monárquico e todos os estímulos que aguçam o entender daquele fenômeno da sociedade do espetáculo³.

O funeral da *Princesa Di*, cognome abreviado pelos tablóides ingleses para atender ao tamanho reduzido de suas capas, consegue apreender uma experiência única, por meio de uma representação mediada.

O real apresentado, o mesmo som, as mesmas características, uma conjunção de fatores dos quais poderiam apenas ser percebidos àqueles que se apresentavam naquele lugar e situação, são compensados e vividos em amplitude por pessoas dos mais variados locais do mundo, por meio da televisão, através dos meios de comunicação. O mortuário consegue apropriar-se do espaço da mídia mundial, em espasmo pela morte de Diana e indivíduos de diversas partes do planeta acompanham em tempo real, em espaço público todo o fato.

Para Silversonte (2007) uma nova condição com o social, a partir da transmissão do funeral da princesa, surge. Há um rompimento dos limites do público e do privado naquela

² Termo utilizado por José Luiz Braga para tratar sobre processos específicos segundo a lógica das mídias.

³ Expressão concebida por Guy Debord em 1997, em que o autor tenta explicar o espetáculo como uma forma da sociedade contemplar e consumir passivamente imagens de tudo o que lhes faltam na vida real, em que indivíduos vivenciam experiências pobres e fragmentadas.

situação. Uma quebra de paradigmas antes sublimado pela distinção fatídica entre o que é público, e aquilo que é privado vem à tona.

A morte da *Princesa Di* além de ser recebida com extraordinárias expressões públicas de pesar por personalidades, políticos e toda alta nobreza, fez com que seu funeral na Abadia de Westminster em 6 de setembro de 1997 atraísse três milhões de órfãos em Londres, bem como uma cobertura de televisão e todos os processos midiáticos existentes naquele momento ao redor do mundo, o que dominou os noticiários, os programas e toda mídia abafando até mesmo a morte, no dia anterior, de Madre Teresa em Calcutá.

Diana mostrasse uma personalidade em suas hibridações, vivia como personalidade e como mulher. Agia entre a nobreza e tudo aquilo que a permeava ou a superava, as dores e os prazeres de ser quem, um humano com defeitos e qualidades. Entre a suavidade e os rompantes da privacidade, entre o calor e o apelo do público. O equilíbrio entre símbolo e realidade revigorado pela nova pragmática social em crescente construção. Segundo Silverstone, o público e o privado teriam sido alterados, talvez permanentemente, após a morte a cobertura do funeral.

Silverstone (2002) afirma que na era da mídia, não há escapatória dos simulacros, tudo o que tocamos é mediado, envenenado pela mídia, uma quebra entre dois mundos condicionada por uma nova condição social.

Dizem – nos que, na era da mídia, não há escapatória dos simulacros. Que tudo que tocamos é mediado, transformado, envenenado pela mídia. Que as fronteiras entre realidade e fantasia, verdade e falsidade, fato e ficção, já não podem ser determinadas, já não serve para mais nada. (SILVERSTONE, 2002, p.140).

O autor considera que as fronteiras entre a realidade e a fantasia, a verdade e a falsidade agora se misturam. O episódio construído pela profusão de imagens capturadas pela televisão, e vivenciados em Londres por muitos indivíduos, dão condições para observar um fato de maneira diferenciada.

Pessoas comuns respirando o ar da mídia participavam ativamente no evento, que sem eles seria algo sem sentido. Nascia naquele ato um sentimento de pertencimento uma identificação com a princesa morta. Havia identificação, um conjunto de reivindicações e conexões com aquele fato, com aquela personalidade. Para se ter uma ideia, quatro semanas após seu funeral, foi estimada que a taxa de suicídios na Inglaterra e em Gales cresceu aproximadamente 17%, se comparado com o número suicídios de anos anteriores. Estudiosos

acreditam que isso foi causado pelo efeito da "identificação", pois 45% das vítimas eram similares à Diana: mulheres com idade entre vinte e cinco e quarenta e quatro anos.

Silverstone vivenciou o funeral com muita proximidade, estava em Londres no dia do acontecimento, o autor, ouvia o “tinar dos sinos” amplificado pelo som da televisão que reproduzia a todo instante os detalhes do funeral. O ritual era inventado em tempo real. O espaço público estava ocupado de maneira elementar e peculiar numa predisposição ao grande evento da vida da princesa de Gales que culminou em seu funeral.

Muito se discute até que ponto a “Performance”⁴ não foi apropriada, encorajada ou sustentada pela mídia? Quais os aspectos tornavam aquele apelo das multidões, uma apropriação popular cheia de significações simbólicas pertencentes, principalmente, pelos aspectos midiáticos do contexto?

Silverstone (2002) aponta uma mudança profunda na localização e no caráter da performance na vida cotidiana. O funeral torna palco, lugar do manifesto de rostos unificados sob uma única referência, a dor sublime por alguém que não é um ente familiar ou um amigo de longa data, alguém reproduzido pelos olhos midiáticos que se torna próximo.

A mídia aproxima-se e engaja os espectadores/ públicos através da retórica, da poética dos seus artifícios. A linguagem utilizada pelos produtos midiáticos promove sensações, envolve, apaixona e encoraja o receptor a ser posicionar diante da situação, mesmo que inconsciente.

É retirada da esfera pessoal, uma característica muito presente do universo privado e transformado a cada momento em um fragmento de um evento nacional, universal. As manifestações populares, como mais de um milhão de buquês deixados na residência londrina da princesa, o volume de gente e recordações nas circundantes do local do funeral mostrava a causa pública que tornou aquele momento. Uma decisão inicial determinada por pessoas singulares, que ao tomar as ruas de Londres ganhou proporções de uma representação social.

Silverstone contribui com uma crítica sobre os modos operatórios da mídia ao enfatizar dois momentos cruciais para entender a perspectiva deste efeito performático, durante e após funeral. No 1º momento há uma sensação de compartilhamento, pertencimento ao evento, a ponto de oferecer em exaustão as imagens daquele episódio e ainda conseguir perpetuar as mais variadas informações aliadas ao choque que representa a morte da *Princesa Di* para milhares de

⁴ Termo utilizado por Silverstone, o conceito de performance toma novas conjecturas na sociedade entrecortada com novas condições midiáticas. Estes conceitos podem ser melhores observados em seus textos citados nas referências.

indivíduos. Já no 2º momento, após o funeral, e com o passar dos dias, acontece o esvaziamento de sentido daquele fenômeno midiático. A mídia dá conta de novas informações, novos conteúdos, outros assuntos, e o fato apaga por si só. Silverstone (2002) faz uma alusão simbólica entre os rostos perdidos, sem identificação na multidão no dia do funeral e a permanência das notícias em torno daquele evento “não há traços que o configure, os rostos dos indivíduos já não existem mais [...] O social foi deixado para a nossa imaginação e para a lembrança de um evento de que participamos e não participamos [...] A entrada no espaço midiático à procura do social é desoladora e vulnerável” (SILVERSTONE, 2002, p.143-144).

Ensaio de uma era que perde o significado do individual, do indivíduo, passa-se a um todo, passa-se ao público, onde a performance não carrega nenhuma responsabilidade e tão pouco engajamento. Os novos contextos sociais abrem espaço para a reprodução de novas facetas, porém os indivíduos se encontram cada vez mais isolados e empobrecidos, rarefeitos.

O caso Lady Di foi marcante e configura um clássico exemplo da atuação da mídia na em eventos com potencial para alimentar os interesses do entretenimento. A vida pública da princesa Diana faz palpável a possibilidade do uso da tragédia com viés de entretenimento. “A diferença para o mundo contemporâneo está não só na velocidade da informação, mas na capacidade de incluir o privado como ampliador da tragédia e transformá-lo em fenômeno mundial”.

2. ACONTECIMENTO

Segundo Thompson (1998), a relação que as pessoas, o público tem com a princesa Diana é caracterizada pela interação quase mediada. Levando em consideração a primeira entrevista pública da princesa, concedida ao programa Panorama, onde Diana faz um “desabafo”, pode-se observar a emergência de uma interação com sensação de face-a-face, possibilidade ressaltada por Thompson, que reforça um contexto de identificação, amplia a “intimidade” com a vida da princesa. Sem esquecer que se trata de uma relação construída tendo como plano de fundo um conto de fadas.

Nobre, humana e, em muito, inexplicável. É como aparece a história de vida: princesa Diana. Trata-se de uma princesa que é do povo, de uma nobre que se fez frágil, humana, de uma

parceira das causas, que trai o príncipe. A tentativa de configurar quem foi “Lady Di” termina na construção do que Barthes (1993) chama de mito. Essa tentativa de explicar, de acalmar uma história de vida que tem como protagonista a Lady heroína, a que passa por expansivas tragédias (traições – separação), entre elas o acontecimento da sua morte.

Princesa do Povo. Faz-se mito essa tradução em linguagem, fala; essa construção, que passa por performances, identidades, espaços público e privado, de quem foi Diana. É o mito que “resolve tudo” e segundo Rodrigues (1993), que apresenta visões do mundo oferecendo explicações para as indagações com os quais a sociedade se defronta.

Edgar Morin (1999), um autor conhecido pelo estudo da cultura de massa, predominante no século XX, designa o termo olímpiano para caracterizar trajetórias como a da princesa Diana, uma celebridade, sempre em foco, com status de heroína e midiática onipresença. Segundo a definição de Kothe (1987) para os tipos de heróis, Diana vai do épico ao trágico. A princesa é gigante por natureza, mas sofre a mercê de um destino trágico e por isso, uma morte acidental, traumática, acaba ainda mais expressiva.

Voltando ao funeral, sem esquecer que a vida da princesa foi marcada por acontecimentos. Mas, o que são acontecimentos? Rodrigues (1993) afirma que sendo o racional da ordem do previsível, o acontecimento é justamente o contrário, pois é imprevisível, rompe com o normal. Parte-se, então, da idéia de que sentidos são produzidos a partir de acontecimentos, que a linguagem nos dá a oportunidade de organizar esses acontecimentos e que, no contexto estudado, “[...] o discurso dos media surge para organizar a experiência do aleatório e lhe conferir racionalidade.” (TRAQUINA, 1993, p.33).

Na busca da produção de sentido para esse terreno obscuro que se faz o acontecimento, mais especificamente, na busca da lógica, consideramos, de acordo com Deleuze citado por Vaz e França (2008), as seguintes relações de proposição sobre o funeral:

- a) *Designação ou indicação*: relação entre coisas exteriores; se dá não somente pelas palavras, mas também pelas imagens.

A primeira designação consiste na contextualização do que se passa, o local – Londres – quem morreu, a importância de quem morreu, para onde será levada, descreve o que se pode ver, o que parece obvio; a multidão, justifica a presença daquelas pessoas ali, das flores, do silêncio.

- b) *Manifestação*: relação da proposição ao sujeito que fala e se exprime; enunciado dos desejos e das crenças que correspondem à proposição; constitui um domínio pessoal daquele que faz o enunciado.

Toda essa designação se manifesta em frases como “a última viagem”, a emoção na música de Elton Jhon, fala do quão especial foi essa princesa. Há a criação de um plano de fundo lírico que fala em descanso, cortejo, clamor, exalta a contemplação de um milhão de pessoas, correlacionando o mundo à aquele momento, “até o Sol se emociona”.

- c) *Significação*: relação da palavra com conceitos universais ou gerais; conjunto das condições sobre as quais uma proposição seria verdadeira.

Na manifestação predominada pela emoção nasce um significado doloroso, o significado daquele acontecimento aparece na dor da perda, na demonstração dessa dor, no que ela está representando para o mundo, como o mundo e as pessoas se manifestam. A condição da perda “chama” o significado que ela tem.

Essas proposições relacionam-se em prol da construção de um sentido para a morte da princesa Diana. Morte encarada como um espasmo, histeria em massa, fervor religioso. O sentido, então, é o expresso e ele não existe fora da sua expressão. Ele é o acontecimento que passa à experiência.

Faz-se importante saber que a proporção desse acontecimento está diretamente ligada a construção da identidade social da princesa. “...um indivíduo está ligada ao reconhecimento da sua pertença a certos grupos sociais e ao significado emocional e avaliativo que resulta dessa pertença” (TAJFEL *apud* CABECINHAS, LIMA, CHAVES, 2006). O processo de identificação ajuda o acontecimento ganhar força, status, pois o fato acaba sendo mais paradoxal, bárbaro. Uma tragédia, um acidente, uma fatalidade não foram possíveis fatos relacionados ao contexto de significados sociais e emocionais em que foi construído o reconhecimento de “Lady Di”.

Uma vez que o acontecimento é familiarizado volta-se a atenção ao mito. Ele, o mito, a forma substituível de uma verdade, segundo Barthes (1993), que vai perpetuar a representação social da princesa. A morte vem para reforça o mito, eterniza a figura jovem e celebre que causou identificação em vida. A partir da análise parcial da vida e do funeral da princesa, entende-se que sua morte não é o ponto de emergência do mito Princesa Diana, já em vida, quando ela sai do que é comum, do esperado de uma princesa, torna-se acessível, mais humana do que o desejado pela

corde, separa, perde o título de princesa e ainda continua com a denominação “Princesa do Povo”, já está configurado o mito.

3. MEMÓRIA

*Dez anos após a morte de Diana - em 31 de agosto de 1997, em um acidente ocorrido na ponte d'Alma, em Paris, ao fugir de um grupo de paparazzi - sua imagem continua forte no imaginário popular.*⁵

Assim começa o caderno especial sobre os dez anos da morte da Princesa Diana, no jornal folha de São Paulo Online. Além da descrição de como ocorreu o acidente que a vitimou, e ainda, trazia ainda, matérias sobre o seu casamento, amigos, filhos e fofocas sobre a sua vida no seio da família real:

- As fotos inéditas do acidente
- Vídeo: clique aqui para ver as imagens inéditas
- As fotos de Diana com personalidades e família
- As fotos do casamento com o Príncipe
- A as fotos das homenagens para Lady Di

Não foi apenas o portal da Folha de São Paulo que publicou matérias sobre o assunto. Em uma busca rápida na internet pelo nome “Princesa Diana”, o resultado foi o de 3.250.000 citações e isso nos mostra que ela, após doze anos de sua morte, continua viva.

Segundo Silverstone(2002), o nosso passado se mistura com os sons e imagens disponibilizados pela a mídia:

[...] a mídia tem o poder de definir o passado: de apresentar e representá-lo. Ela se arroga autoridade histórica no drama e no documentário: versões do realismo que não têm nenhum referente além daquele de outros contos e outras imagens. [...] Aqui, como alhures, é essa a pretensão. Lembrar. Definir o passado. Foi assim. Imagine. (SILVERSTONE, 2002, p.243).

É através, principalmente da mídia, que temos as lembranças mais fortes do passado. Cheiros, sons, imagens que nos remete a programas, propagandas ou músicas que marcaram determinados momentos que marcaram as nossas vidas. Em relação a personagens ou eventos que povoam os meios midiáticos, não poderia ser diferente. Princesa Diana foi uma personagem

⁵ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u323736.shtml>> Acesso em: 19 jun. 2009.

performática que não foi esquecida pela mídia e pelas pessoas. As principais lembranças que temos dela e de sua vida são acionadas por meio de matérias e de especiais que existem sobre ela, principalmente em datas emblemáticas, como o aniversário de dez anos de sua morte.

Isso acontece por que o processo de recordar pode ser considerado como uma especificidade da vida social. Para Cabecinhas, Lima e Chaves (2006), vários são os processos de formação da memória e que:

[...] o processo de recordar é social, visto que é necessário que haja dicas de contexto que evoquem as recordações; os pontos de referências que de cada indivíduo utiliza para decodificar, armazenar e recuperar informação são definidos socialmente; e a memória individual não poderia funcionar sem conceitos, idéias, imagens e representações que são socialmente construídos e partilhados. (CABECINHAS; LIMA; CHAVES, 2006, p.4).

ou seja, a nossa memória individual sobre os acontecimentos relacionados a vida e morte da Princesa de Gales é meramente uma coletânea do que recordamos de matérias e notícias sobre ela.

Os autores esclarecem que reconhecer esse caráter social da memória, não implica, necessariamente, em pressupor na hegemonia dessas recordações. Cada pessoa recorda dos fatos de maneira diferente, de acordo com as suas próprias experiências. Halbwachs citado por Cabecinhas, Lima e Chaves (2006) distingue a memória em três diferentes tipologias: memória interna, pessoal ou autobiográfica; memória social ou coletiva; e memória histórica.

Segundo ele, a memória social diferencia-se da memória histórica por ser estruturada em função de um fato específico, já a memória histórica resulta da coexistência de várias memórias coletivas. Entretanto, para Cabecinhas, Lima e Chaves (2006), a distinção do autor entre “memória interna e externa não é adequada”.

Paul Connerton, também citado pelos autores, separa a memória em três tipos de categorias distintas: a memória pessoal, que é a experiência pessoal de cada indivíduo; a memória cognitiva, que é a recordação acionada através do significado de palavras, histórias, cheiros etc. e a memória-hábito, que é a capacidade de reproduzir ações, como andar, falar ou tocar um instrumento. A memória-hábito está relacionada diretamente ao processo de aprendizagem pelo qual o indivíduo passa e incorpora. O autor salienta ainda, a importância da dimensão narrativa na transmissão da memória social. Segundo ele, as lembranças do passado e o reconhecimento

recortado do mesmo, são transmitidos e conservados por performances e rituais, como aconteceu na cerimônia de enterro da Princesa Diana, relatado por Silverstone (2002):

Moro no centro de Londres. Na manhã do funeral, comecei a ver a televisão no momento em que o cortejo começou a sua jornada pelo Hyde Park e, então, por ruas familiares. O mais impressionante não eram talvez a esperada multidão em silêncio, nem o ranger de cascos e pés, mas o badalar ritmado do sino da Abby [...] (SILVERSTONE, 2002, p.137).

Desta maneira, pode-se entender que a memória sobre os acontecimentos midiáticos, como a morte da Princesa Diana, os ataques às Torres Gêmeas ou o acidente com voo 3054 da TAM no Aeroporto de Gongonhas em 2007, são, na verdade, memórias mediadas, e que as mídias, “tanto intencionalmente como à revelia, é instrumento par. Entretanto, mesmo elas, as recordações de suas experiências pessoais acabam se a articulação da memória” (SILVERSTONE, 2002, p.234) e que “a textura da memória se entrelaça com a textura da experiência.” (SILVERSTONE, 2002, p.237).

4. CONCLUSÃO

Desde o progresso propriamente dito da cultura de massa enquanto tal, a vida dos olímpianos participa da vida quotidiana dos mortais, seus amores lendários participam dos destinos dos amores mortais, seus sentimentos são experimentados pela humanidade média.

Edgar Morin

Assim foi Diana, experimentada. Refletir e analisar o evento: funeral princesa Diana, nos faz estar sobre um terreno híbrido de público x privado, terreno em que se fez a história de vida da “Princesa do Povo”. O espetáculo midiático do seu funeral está diretamente ligado a essa história de vida performática, olímpiana, presente na vida pública, apresentada acima.

O funeral da princesa Diana, segundo análise, é marcado pelo público, pela manifestação pública. Estavam ali milhões de pessoas que nunca tinham estado com Diana e nem assim a chamavam, para eles, ela era a princesa Diana, a nobre, mas era humana. Essas pessoas se identificavam, ou foram influenciadas, de alguma maneira e em um determinado momento de

suas vidas, por aquela princesa, agora morta e ela, a princesa, agora entendemos, que também teve sua vida privada influenciada por essas pessoas.

O conto de fadas perdeu a protagonista, assim nasce o acontecimento, o paradoxo do final que não é “felizes para sempre”. O funeral é o retrato desse “absurdo”, dessa fuga da experiência pública. As pessoas precisam acreditar, experimentar; elas vão às ruas para se expressar, elas sentem a perda e a mídia leva, amplia esse sentimento, esse sofrimento, globalmente, vai até aqueles que estão nos mais diversos lugares, mas que se sentem atingidos diretamente, ou obrigatoriamente pela morte da princesa.

Não podemos falar em “felizes para sempre”, mas em “para sempre”, sim, ele é mediado. A mídia resgata a protagonista Diana sempre que lhe é conveniente, como no noivado do filho da princesa previsto para o dia do aniversário da mãe, ou a morte de um outro olimpiano, como Michael Jackson, reativando nossa memória pessoal.

Enfim, essa análise não esgota as possibilidades e interpretações sobre o assunto, ao contrário, falamos e reconhecemos um privado tão público que faz-se questionar essas barreiras e até buscar entender que podemos estar vivendo uma reconfiguração desses significados.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

BROWN, Tina. **Diana**: crônicas íntimas. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

CABECINHAS, R.; Lima, M.E.O.; A.M. Identidades nacionais e memória social: hegemonia e polémica nas representações sociais da história. In: MIRANDA, J.; JOÃO, M.I. (eds.). **Identidades nacionais em debate**. Oeiras: Celta, 2006, p.67-92. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6165/1/Cabecinhas-Lima-Chaves-2006.pdf>> Acesso em: 28 jun. 2009.

FRANÇA, Renné Oliveira. **Eclipses do Inesquecível**: o acontecimento na mnemotécnica da Retrospectiva de Fim de Ano. 2007. 151f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

GONÇALVES, Fernando. Laurie Anderson e as apropriações estéticas da mídia e da tecnologia na arte da performance. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, vol.2, n.4, p.183-197, jul. 2005. Disponível em: <<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/comunicacaomidiaeconsumo/article/viewFile/5130/4749>> Acesso em: 15 jun. 2009.

KOTHE, Flávio R. **O herói**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1987.

MENICONI, Joana de Almeida. **De olho no Big Brother Brasil**: a performance mediada pela TV. 2005. 164f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: o espírito do tempo - 2 necrose. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999, v.2.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (org). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega Ltda, 1993. p.27-33.

SILVERSTONE, Roger. Performance. In: SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002. Cap.8, p.129-146.

SILVERSTONE, Roger. Memória. In: SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002. Cap. 14, p.231-245.

THOMPSON, Jhon. **A mídia e a modernidade.** Petrópolis: Vozes, 1998.

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: TRAQUINA, Nelson (org). **Jornalismo:** questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega Ltda, 1993. p.197-176.

VAZ, Paulo Bernardo Ferreira; FRANÇA, Renné Oliveira. **Através do Espelho:** o acontecimento Isabella na revista Veja. In: VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. São Paulo: UMESP, nov. 2008.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

Braga, José Luiz. **A sociedade enfrenta a sua mídia:** dispositivos sociais de crítica mediática. São Paulo, Editora Paulus, 2006.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BAUMAN, Zigmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro, Jorge Zahar,2001. In: EGGER-MOELLWALD, L. S. A. O mundo a crise e o espetáculo. **Contexto comunicação e pesquisa.** Disponível em: <<http://www.comtexto.com.br/convicomartigoLiciaArena.htm>> Acesso em: 20 jun. 2009.